

Observatório racial da mídia brasileira aponta predominância de narrativas episódicas¹

Márcia Guena²

Ceres Santos³

Danilo Borges⁴

Universidade do Estado da Bahia

Este artigo tem por objetivo apresentar os principais resultados da pesquisa “Observatório racial da Mídia Brasileira”, através dos dados levantados de fevereiro a setembro de 2023 e de março a junho de 2024, analisando a produção diária de parte da mídia hegemônica (Folha de S. Paulo, Uol e G1) e da mídia independente negra (Mundo Negro, Amazonia Real, Notícia Preta e Alma Preta) sobre temas étnico-raciais. As duas principais metodologias empregadas foram a teoria do enquadramento (*framing*); e a análise das fontes, realizada através da identificação étnico-racial e de gênero das fontes ouvidas, classificando-as a partir da proposta de Nilson Lage em diálogo com o conceito de Imagens de Controle, de Patricia Hill Collins (2019).

Palavras-chave: enquadramento; comunicação e racismo; fontes na mídia; interseccionalidade

Introdução

O Observatório Racial da Mídia Brasileira é um projeto vinculado Grupo de Pesquisas Rhecados - Hierarquizações Raciais, Comunicação e Direitos Humanos, que tem como objetivo principal identificar aspectos da cobertura midiática sobre temas étnico-raciais, com a finalidade de colaborar com a construção de práticas antirracistas no jornalismo, em uma perspectiva contracolonial. Através de bolsistas de iniciação científica temos levantado, desde fevereiro de 2023 – com algumas interrupções - a produção diária de jornais Folha de S. Paulo, Uol e G1, considerados como mídia hegemônica, e também na mídia independente negra e indígena: Mundo Negro, Alma Preta, Amazônia Real e Notícia Preta.

Nesta primeira fase do projeto temos utilizado a teoria do enquadramento ao lado da análise das fontes, levando em conta gênero, raça e etnia na identificação

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico. XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Professora Dra. do curso de Jornalismo em Múltiplos Meios Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (PPGESA) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: mguena@uneb.br

³ Professora Dra. do curso de Jornalismo em Múltiplos Meios e do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (PPGESA) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: cmssantos@uneb.br

⁴ Doutorando em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: dbsadanilo@gmail.com

(heteroidentificação) das mesmas, uma perspectiva ausente de quase todas as tipologias estudadas. Percebemos que essas duas dimensões, em uma perspectiva interseccional, são fundamentais para a compreensão da existência de discursos não alinhados gerando contra-frames (AZEVEDO, 2021). Porém caminhamos, em uma segunda fase, para utilização de multimétodos, que deem conta da complexidade desta leitura.

A teoria do enquadramento: um ponto de partida

A teoria do enquadramento tem ajudado a sistematizar as informações diárias dos jornais analisados. O conceito de framing foi revisado, desde sua concepção, através de autores como Gregory Bateson (1987) e Goffman (1986), Carvalho (2009) e Entman (1993). Percebemos que a noção de quadros primários, ou seja, quadros de referência, esquemas interpretativos auxiliam a compreender a realidade (CARVALHO, 2009, p. 5) e são utilizados para responder às interações entre os indivíduos. Esta noção nos permite dialogar com o conceito de imagens de controle, de Partícia Hill Collins, ou seja nos fez lembrar a forma como as pessoas negras são “rotuladas”, fixadas em suas representações. “Estas representam formas estáticas - que aqui fazemos um paralelo com os quadros (*frames*) - de conceber as pessoas racializadas, nos seus diversos momentos de circulação pelo mundo” (Guena, Santos e Borges, 2024).

Segundo Entman (1993):

O enquadramento (*framing*) envolve essencialmente seleção e saliência. Enquadrar (*frame*) é selecionar alguns aspectos da realidade percebida e torná-los mais salientes em um texto comunicativo, de forma a promover a definição de problemas separados, a interpretação causal, a avaliação moral e/ou a recomendação de tratamento para o item descrito.” (...) Quadros, então, *definem problemas* - determina o que um agente causal está fazendo, com quais custos e benefícios, geralmente medidos em termos de valores culturais comuns; *diagnostica causas* - identifica as forças que criam o problema; *fazer julgamentos morais* - avalia agentes causais e seus efeitos; e *sugere remédios* - oferece e justifica tratamentos para os problemas e prevê seus efeitos prováveis. (Entman, 1993,p.52 tradução nossa).

Entman (1993, 53) destaca a presença de quatro atores que devem ser considerados no enquadramento: o comunicador, o texto, o receptor e a cultura. Desta maneira aspectos ligados a gênero, raça e racismo ganham destaque na formação dessa moldura. Assim, para organizar a pesquisa, utilizamos o modelo de Rothberg (2010), articulado com a

caracterização das fontes, já apontada. Este autor, estudando jornalismo político elenca a seguinte tipologia de enquadramento:

o enquadramento de jogo, ou corrida de cavalos, que enfoca as chances de derrota ou vitória, sem preocupar-se com os contextos; o enquadramento estratégico, que na política corresponde às estratégias calculadas para a vitória; o episódico, que noticia um fato político importante, como políticas públicas, sem falar de seus desdobramentos; esses três, como acentua o autor, pode receber a forma de enquadramento de conflito, quando acentua as disputadas. Para superar a superficialidade das tipologias anteriores, os autores estudados por Rothberg (2010) apontam para o enquadramento temático, explorando antecedentes e consequências das temáticas abordadas, explorando diferentes perspectivas, “expectativas das pessoas afetadas” e examinando questões macroestruturais, o panorama histórico etc. (Rothberg, 2010, apud (Guena e Santos, 2024)

Resultados

Observa-se que o uso da teoria do enquadramento para temáticas de raça e gênero, contribui para evidenciar conteúdos na mídia, nem sempre visíveis em uma primeira leitura. Essa teoria contribui para evidenciar uma das tensões que emergem quando falamos no acesso ao discurso midiático, com recorte às narrativas de mulheres negras. Outras questões dizem respeito ao enquadramento e gênero das notícias.

Período de fevereiro a agosto de 2023

Fontes

Com relação às fontes, no Jornal Folha de São Paulo, as fontes mais ouvidas na temática racial foram homens brancos (368), seguido de mulheres negras (257); homens negros (251), mulheres brancas (161) e indígenas (7). No G1 No site G1, a predominância também foi de vozes brancas (348), seguido das mulheres negras (261), das mulheres brancas (234), dos homens negros (185) e dos indígenas (6). Já no Portal Uol UOL, a predominância de vozes foi de homens negros (160), seguido de homens brancos (155), de mulheres negras (143), logo depois mulheres brancas (57) e indígenas (1).

Na mídia independente negra o perfil foi bastante diferente, com a predominância de vozes negras femininas. Nas 97 matérias publicas no Portal Alma Preta houve a predominância de escuta das mulheres negras (67); seguida pelos homens negros (17); depois as mulheres brancas (11); homens brancos (6); uma mulher indígena e um homem

indígena. No jornal Amazônia Real, foram veiculadas 73 matérias, o único que traz a predominância da escuta de homens e mulheres indígenas, com um total de 126 ouvidas. Essas fontes se distribuem da seguinte forma: 54 homens indígenas, 31 mulheres indígenas, 12 homens negros, cinco mulheres negras, 14 homens brancos e dez mulheres brancas. No portal Mundo Negro foram veiculadas 109 matérias, com 131 fontes ouvidas: 70 mulheres negras, 46 homens negros, oito mulheres, brancas, cinco homens brancos e duas mulheres indígenas, evidenciando uma diversidade de fontes. O Notícia Preta, com 115 matérias publicadas, também predominou as as falas de mulheres: 66 mulheres negras, 34 homens negros, nove mulheres brancas, 13 homens brancos, quatro mulheres indígenas e nove homens indígenas.

Enquadramento

Com relação ao enquadramento, nos três veículos da mídia hegemônica predominam o enquadramento oficialista, ou seja com a escuta de fontes oficiais e/ou episódico, relatando apenas os fatos sem contextualizá-los, de acordo com as seguintes proporções: Folha de São Paulo, mais de 50% oficialista ou episódico; G1, 70%; UOI, 85%. Nesta classificação, percebe-se que o Jornal Folha de São Paulo foi o que mais realizou coberturas temáticas, historicizando e contextualizando os fatos, aproximando-se de 50%. Com relação ao enquadramento, os quatro veículos independentes realizaram predominante abordagens temáticas, superando 60% das matérias, com exceção da Amazônia Real onde a predominância foi o enquadramento de conflito (65%).

Período de março a maio de 2024

Neste período, O jornal Folha de São Paulo publicou 366 matérias sobre a temática racial, ouvindo, novamente, de forma predominante homens brancos (88), depois aparecem os homens negros (57), as mulheres negras (56), depois as mulheres brancas (56), seguida das mulheres indígenas (19) e homens indígenas (7). No Portal G1 foram publicadas 260 matérias e predominou a voz de mulheres negras (56) e homens negros (53), seguido de homens brancos (51), mulheres brancas (47), mulheres indígenas (29) e homens indígenas (20). No Portal Uol foram veiculadas 234 matérias com a predominância de vozes masculinas brancas (74), um número expressivo, seguido das mulheres negras (54) e homens negros (48), vindo depois as mulheres brancas (42), mulheres indígenas (16) e homens indígenas (10).

Na mídia independente negra se repete o perfil anterior, com a predominância de vozes negras. O Notícia Preta publicou 80 matérias com a temática negra, ouvindo predominantemente mulheres negras (25) e homens negros (25), seguida dos homens brancos (8), mulheres brancas (6) apenas 2 mulheres indígenas e 1 homem indígena. No Mundo Negro, com 87 publicações, as mulheres negras também são as que mais falam (40), seguida dos homens negros (24), homens brancos (12), e mulheres brancas (5). No Alma Preta seguiu a mesma tendência, com as mulheres negras sendo maioria na fala (34), seguida dos homens negros (23) e dos homens brancos (20) e uma escuta indígena ainda tímida, apenas 3 homens e três mulheres indígenas.

Enquadramento

Este período foi marcado pelo enquadramento episódico na mídia hegemônica, ou seja matérias factuais pouco contextualizadas, com exceção, novamente da folha de São Paulo, cujo enquadramento representou um pouco mais de 50 dos textos, apresentando o enquadramento temático em parte importante das matérias. Na mídia independente negra também predominou o enquadramento episódico, sendo que o temático não ultrapassou 40% das matérias, em média.

Observem que uma das dimensões que estamos estudando é a presença dos discursos das mulheres negras na mídia, de um grupo historicamente colocado à margem das áreas de poder, pela prática da colonialidade entre elas, o discurso midiático. Aliás, a comunicação tornou-se área de enfrentamento ao racismo, sexismo, exclusão de classe etc, de várias organizações de mulheres negras, a exemplo da Geledés e Instituto Odara. Mesmo que os estudos ainda estejam em uma fase preliminar já é possível identificar a presença e a ausência desse grupo na mídia. Grupo esse alvo de estudos sobre o impacto da mídia em manter uma prática de exclusão das mulheres negras ou de enquadramentos negativos. Dai feministas negras como Collins (2019) tratarem da superação da imagem de controle - aqueles lugares identificados, preconceituosamente, como sendo para as mulheres negras. A superação passa, necessariamente pela autodefinição e a autoavaliação desse grupo, permitindo o deslocamento de quem fala, de quem produz, partilhando experiências a partir de um outro lugar social.

Algumas considerações

Esta pesquisa tem mostrado algumas características da cobertura midiática da temática negra. Na mídia hegemônica, apesar das vozes negras terem ganhado algum espaço, quem fala ainda são as pessoas brancas e majoritariamente os homens, o que nos remete à permanência da colonialidade do saber. Outro aspecto bastante impactante no sentido negativo, é a cobertura factual das temáticas negras, com poucas exceções. A factualidade impacta na construção do discurso dos fontes, pois a narrativa negra, suas versões dos fatos e seus pontos de vista, não aparecem, colaborando com a manutenção de imagens estáticas, ou como nos diz Collins, imagens de controle. A mudança tem surgido na mídia independente negra, que tem privilegiado as vozes negras, porém ainda não conseguiu abarcar as populações indígenas, uma ausência gritante em projetos libertários. Apesar disso, a mídia independente negra também tem realizado uma abordagem episódica, o que prejudica o entendimento das questões. Portanto há ainda um longo caminho a percorrer.

Referências

- CAMPOS, Luiz Augusto. A identificação de enquadramentos através da análise de correspondências: um modelo analítico aplicado à controvérsia das ações afirmativas raciais na imprensa. **OPINIÃO PÚBLICA**, Campinas, vol. 20, nº 3, dezembro, 2014, p. 377-406.
- CARVALHO, Carlos Alberto. Sobre limites e possibilidades do conceito de enquadramento jornalístico. **Contemporânea**. Revista de Comunicação e Cultura, v. 7. n.2, 2009. p. 1-15
- COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento Feminista Negro**. São Paulo: Editora Boitempo, 2019.---
- ENTMAN, Robert. Framing Toward clarification of a Fractured Paradigm. *Journal of Communication*, **Autumn**, 1993; 43,4. p.51-58
- _____. Framing Bias: Media in the Distribution of Power. **Journal of Communication** 57 (2007) 163–173.
- FREIRE, Flávio. GUENA, Márcia. SANTOS. Céres. **Observatório de veículos noticiosos independentes: uma análise de fontes e enquadramentos**.2023.
- GOFFMAN, Erving. Frame analysis. Reprint, Originally published: New York: Harper & Row, 1986.
- GUENA, Márcia; SANTOS, Ceres; BORGES, Danilo. A teoria do enquadramento na análise de temáticas raciais na comunicação. Anais do Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. Disponível em chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://sistemas.intercom.org.br/pdf/submissao/regional/12/1500/032820241743176605d66562d1d.pdf. Acesso em 01/6/2024.
- MENEZES, Ana Beatriz; GUENA; Márcia; SANTOS. Céres. **Observatório racial da mídia hegemônica brasileira**. 2023.
- ROTHBERG, Danilo. O Conceito de Enquadramento e sua contribuição à Crítica De Mídia; In: CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Vitrine E Vidraça: Crítica De Mídia e Qualidade No Jornalismo**. Covilhã, UBI: Livros LabCom, 2010 (p. 53-66).

